

O fim das medidas de isolamento social parece precoce!

Ricardo Cabral

Não será prudente levantar as medidas de isolamento social sem conhecer com maior precisão a taxa de mortalidade da covid-19

O Governo está sob enorme pressão para levantar as medidas de isolamento social. O consenso parece ser que os custos económicos do isolamento social são tão elevados, que é insustentável manter as actuais medidas de confinamento por muito mais tempo, mesmo que a taxa de mortalidade da covid-19 seja elevada.

Ao invés, defendo que se a taxa de mortalidade do vírus SARS-CoV-2 (coronavírus) for igual ou superior a 1% a melhor e mais eficiente estratégia económica é não correr o risco de sujeitar a maior parte da população a ser contagiada pelo vírus SARS-CoV-2, se necessário, mantendo as medidas de isolamento social durante mais tempo. O objectivo seria procurar assegurar que só uma pequena percentagem da população portuguesa venha um dia a ser infectada pelo SARS-CoV-2.

Não ajuda o facto de outros países pretenderem levantar as medidas de isolamento social, nomeadamente vários países da União Europeia e os EUA. Em particular, um facto que nos deveria colocar de sobreaviso é que também Donald Trump – essa “fonte inspirada e sábia” de liderança mundial – quer reabrir a economia dos EUA e pressiona os governadores dos estados dos EUA a levantar as medidas de *lockdown*, contra a vontade destes.

Em contraste, em Wuhan, medidas muito mais drásticas de isolamento social foram mantidas durante 76 dias, essencialmente até deixarem de aparecer novos casos de infecções do vírus que causa a covid-19.

O Governo está a considerar levantar as medidas de isolamento social não por razões de saúde pública da covid-19 – se as medidas de isolamento social não tivessem custos económicos, seriam mantidas durante mais tempo, como aliás recomenda a Organização

Mundial de Saúde –, mas essencialmente porque as autoridades procuram legitimamente ponderar os efeitos das medidas de isolamento social na saúde pública e na actividade económica.

Por conseguinte, afigura-se que o levantamento das medidas de isolamento social é, no presente, uma medida de política económica mais do que uma medida de saúde pública!

As medidas de isolamento social, *low-tech*, reduzem a taxa de contágio.

O número total de casos confirmados em Portugal era, no dia 19 de Abril de 2020, de 20,2 mil, a que acrescem cerca de 162 mil casos suspeitos, de acordo com dados da Direcção Geral de Saúde (DGS). O objectivo das medidas de isolamento social é baixar a taxa de contágio, reduzindo o número de novas infecções.

A taxa de contágio do SARS-CoV-2 é importante porque, se for inferior a 1 ($R_t < 1$, em comparação com o R_0 “natural” estimado em 2 a 2,5), o número de novas infecções tende, a prazo, a diminuir em termos absolutos. Se for superior a 1, o número de novas infecções tende, a prazo, a aumentar, resultando numa trajectória de crescimento exponencial do número total de infecções.

Jorge Buescu nota com base em dados da Worldometers que o número máximo de novas infecções ocorreu a 1 de Abril (e não entre 23 e 25 de Março, como afirmado pela ministra da Saúde), mas que o pico dos infectados activos ainda não foi atingido, criticando a ministra da Saúde por veicular “informações factualmente erradas sobre a epidemia que desvalorizam a situação” e que “induzem uma falsa sensação de segurança”.

O fim das medidas de confinamento social tenderia a fazer aumentar a taxa de contágio do vírus acima do valor actual (estimado em cerca de 1), numa altura em que o número de infectados activos ainda está a aumentar. Em particular, ainda de acordo com Jorge Buescu, o pico do contágio da doença ainda não foi atingido.

“

O levantamento das medidas de isolamento social é, no presente, uma medida de política económica, mais do que uma medida de saúde pública!



Taxa de mortalidade

Em percentagem do número de casos com teste positivo ao vírus SARS-CoV-2



Fonte: Worldometers.info, acessado a 18 de Abril de 2020. PÚBLICO

Qual a taxa de mortalidade da covid-19?

Uma questão em aberto continua a ser qual a verdadeira taxa de mortalidade da covid-19, nomeadamente porque não se sabe quantas pessoas estão ou estiveram infectadas com a covid-19, nem se contabiliza suficientemente bem o número de mortes em resultado da covid-19.

Afigura-se que esta é uma questão-chave que deveria ser investigada de forma a fundamentar devidamente medidas de política económica, nomeadamente o fim das medidas de isolamento social.

A taxa de mortalidade da covid-19 tem vindo gradualmente a subir, tendo atingido, a 18 de Abril, 3,5% da população que testou positiva ao SARS-CoV-2. Uma taxa que é altíssima, 35 vezes superior à taxa de mortalidade típica do vírus da gripe (0,1%) e que ainda assim poderá subestimar a taxa de mortalidade porque poderão não estar a ser contabilizadas todas as mortes, nomeadamente as que ocorrem em lares de idosos ou em casa.

Contudo, noutros países, a taxa de mortalidade é muito mais elevada e também tem vindo a aumentar: em particular, países que adoptaram uma estratégia de imunidade de grupo, ou cujas autoridades seguiram uma resposta de saúde pública “mais relaxada” confrontam-se agora com taxas de mortalidade horrendas (que, no entanto, provavelmente se explicam em parte por uma deficiente contabilização do número de infectados): na Bélgica, a taxa de mortalidade é de 14,7% dos casos positivos; no Reino Unido, é de 13,5%; na Suécia, é de 10,9%.

Acresce que o número de mortes devidas à pandemia poderá estar a ser subestimado: a mortalidade, na maior parte das regiões afectadas pela covid-19, aumentou em relação a períodos homólogos e só parte dessas mortes é oficialmente atribuída à covid-19.

Em conclusão

Porque não se conhece a taxa de mortalidade da covid-19, parece arriscado iniciar em breve o processo de levantamento das medidas de isolamento

social, mesmo numa perspectiva estritamente económica.

Se a taxa de mortalidade for elevada (e.g., igual ou superior a 1%), o impacto económico negativo da covid-19 é minimizado no médio prazo se se assegurar que somente uma pequena percentagem da população será eventualmente contaminada. Se assim for, seria recomendável utilizar o período de isolamento social para reduzir o número de novos casos e o número de infectados activos quase até zero e, após o levantamento das medidas de isolamento social, definir procedimentos apertados de forma a que a taxa de contágio se mantenha inferior a 1. Ou seja, se a taxa de mortalidade for elevada, provavelmente seria necessário manter as medidas de isolamento social durante mais tempo.

Foi o que a China fez em Wuhan: esperou tempo suficiente (76 dias, cerca de mais 30 dias do que em Portugal se terá esperado no final de Abril) para assegurar a não ocorrência de mais infecções do SARS-CoV-2. Se essa estratégia fosse adoptada no nosso país, o Governo deveria assegurar o rendimento da população em maiores dificuldades como propus em artigo em co-autoria com Francisco Louçã. Os custos para as finanças públicas e para a economia dessa estratégia, embora significativos, seriam suportáveis.

Nessa perspectiva, que defendo, dar prioridade à economia é saber preparar-se adequadamente, é saber esperar, é não se precipitar, mesmo que cada mês de confinamento social custe às finanças públicas 2%, 3%, ou mesmo 4% do PIB.

Note-se que é provável que a taxa de mortalidade da covid-19 seja muito mais baixa do que se julga no presente, caso em que o Governo poderia eventualmente ter razão em levantar as medidas de isolamento social. Mas as experiências da Bélgica, do Reino Unido, de Espanha, da Suécia, de Itália mostram-nos taxas de mortalidade muito mais elevadas do que as registadas em Portugal.

Não se afigura, por isso, prudente levantar as medidas de isolamento social sem previamente conhecer com maior precisão a taxa de mortalidade da covid-19 ou, em alternativa, sem ter reduzido substancialmente o número de novas infecções e o risco de contágio, bem como sem ter reduzido a taxa de contágio do SARS-CoV-2 muito abaixo de 1.

Economista. Escreve à segunda-feira